

EM BUSCA DO "TIPO EUGÊNICO NACIONAL": UMA DISCUSSÃO SOBRE COR E RAÇA NAS CARICATURAS DA REVISTA *CARETA* (1930-1934)¹

Leonardo Dallacqua de Carvalho²
Fabiana Lopes da Cunha³

Resumo: O objetivo deste texto é expor os resultados do nosso estudo sobre cor e raça no Governo Provisório tendo como fonte as caricaturas da revista *Careta*. Nesse sentido, buscamos perceber por meio das ilustrações a posição do periódico no contexto da questão racial e balizar o discurso eugênico envolto na temática de cor e raça no período. Em outras palavras, como a eugenia aparecia no discurso de alguns médicos e intelectuais e como o periódico se posicionava em relação ao chamado cruzamento racial. Entre as várias possibilidades de trabalhar o tema da eugenia, as fontes pautadas em caricaturas se mostraram como um rico material para perceber raça e cor relacionadas ao discurso da nacionalidade.

Palavras-chave: Eugenia; caricaturas; questão racial;

IN PURSUIT OF "NATIONAL EUGENIC TYPE": A DISCUSSION ABOUT SKIN COLOR AND RACE IN *CARETA* MAGAZINE CARTOONS (1930-1934)

Abstract: The purpose of this paper is to present the results of our study on color and race in the Interim Government having as source the cartoons magazine *Careta*. In that sense, we seek to realize through the illustrations to the journal's position in the racial question and guide the eugenic discourse wrapped in the color theme and race in the period. In other words, how eugenics appeared in the speech of some doctors and intellectuals and the periodic was positioned in relation to the so-called crossing race. Among the various possibilities of working the issue of eugenics, the guided sources in cartoons proved as rich material to perceive race and skin color related to the discourse over nationality.

Keywords: Eugenics; cartoons; racial issue;

Em voga no Brasil desde a década de 1910, a eugenia, termo cunhado pelo cientista inglês Francis Galton (1822-1911), ganhou contornos singulares nos trópicos

¹ Corresponde a dissertação de mestrado defendida por Leonardo Dallacqua de Carvalho, em 2014, na Universidade Estadual Paulista - Unesp Assis, intitulada *A eugenia no humor da Revista Ilustrada Careta: raça e cor no Governo Provisório (1930-1934)* e financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), a qual agradecemos ao financiamento. Adicionamos aos agradecimentos a Biblioteca Nacional pela compilação e disponibilização da *Careta*.

² Doutorando em História das Ciências e da Saúde na Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz. E-mail: leo_gerrard@hotmail.com.

³ Docente no Programa de Pós-Graduação em História na UNESP/Assis. E-mail: fabianaunesp@gmail.com.

brasileiros e assumiu distintas posições nos discursos de médicos, sanitaristas, juristas e literatos. A eugenia pensada no Brasil não permaneceu apenas no âmbito dos estudos da hereditariedade, mas foi utilizada como legitimadora de propostas sanitárias, políticas, raciais, de controles populacionais e tudo aquilo em que ela poderia exercer interferência com base na ciência do seu tempo.

Quando iniciamos a triagem de aproximadamente 240 edições da revista *Careta* referente aos anos de 1930-1934, nos chamou a atenção a quantidade de caricaturas e crônicas que discutiam a relação de raça e cor no Brasil nesse período. Após esta etapa, entendemos que o periódico seria uma fonte a ser considerada para pensarmos a compreensão de uma teoria científica da época, tal como a eugenia, que estaria presente no discurso da *Careta* no que tange aos debates sobre a questão racial.

As discussões que envolveram a eugenia podem ser visitadas em inúmeras fontes do período. Elas estiveram presentes em produções intelectuais como a de Renato Kehl (1889-1974) - um dos maiores expoentes da eugenia no Brasil -, Edgard Roquette-Pinto (1884-1954), Miguel Couto (1865-1934), Julio de Revorêdo, Oliveira Vianna (1883-1951), Monteiro Lobato, entre outros. Além disso, foram panfletadas em publicações de material médico especializado na década de 1920 e 1930 como os *Archivos da Liga Brasileira de Higiene Mental*, *Educação Eugênica* e o *Boletim de Eugenia*. Em periódicos mais acessíveis ao grande público afora a *Careta* - e não revistas especializadas -, a eugenia pode ser visualizada em fontes como a *Revista do Brasil* e *O Globo*. Ainda existem as *Atas* de congressos que reúnem valiosas páginas de discussões sobre o mote. Entre elas, basta a referência ao Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, realizado em 1929, para situarmos a abrangência do discurso eugênico, que mereceu um congresso específico.

Por sua vez, a *Careta*, assim como outras revistas ilustradas que circularam no começo do século XX, obteve grande receptividade desde o seu início, datado de 6 de junho de 1908, circulando aos sábados. Irreverente, a revista criada por Jorge Schimdt perduraria por décadas com características de um semanário que mantinha crônicas, fotografias, caricaturas, propagandas, enfim, uma revista que legitimava seu estilo peculiar de *variedades*. Com o humor sendo peça constitutiva do semanário, Fabiana Lopes da Cunha, ao analisar o primeiro editorial da revista em sua tese de doutoramento concluiu que "(...) é possível perceber o público que a revista pretende atingir, o das camadas médias, e talvez, o das elites, mais propensos ao que o editorial chama de 'jornalismo smart' e, também, principalmente, o masculino" (CUNHA, 2008: 86).

Além das ilustrações que eram distribuídas por diversas páginas, outras modalidades fizeram parte do periódico tanto nos anos finais da década de 1910, como no Governo Provisório (1930-1934), tal como as crônicas e os textos com fortes conotações de críticas sociais, econômicas e políticas. Essa característica permite-nos salientar que um público letrado era, portanto, convidado a absorver e entender aquelas publicações ao mesmo tempo em que as caricaturas e fotografias contribuía para aproximação de um público não letrado que compunha a outra esfera consumidora. Sendo assim, é também possível compreender o semanário por meio da pluralidade de receptores e de grupos sociais aos quais esse material se destinava.

Humor e caricatura são, pois, duas palavras-chave em nosso texto para a compreensão da abrangência dos seus efeitos como crítica social. O riso que resulta da construção de uma caricatura não expõe apenas o efeito do cômico, mas a descontinuidade de um quadro social, político e econômico do país que será fragmentado, ironizado ou repensado sob o véu da comicidade. Por isso, concordamos com Elias Thomé Saliba, ao dizer que:

(...) a representação humorística, mais do que mera percepção e sentimento de ruptura e da contrariedade, define-se, de forma ambígua, como uma epifania da emoção, ela também pode ser uma forma privilegiada de representar a história, pois se mostrou pouco suscetível de enquadrar-se numa narrativa. Portanto, analisar a representação humorística da nacionalidade é explorar a enorme ambivalência da linguagem, em todas as suas formas, na construção de um discurso alternativo e de outras possíveis narrativas das nacionalidades (SALIBA, 2002: 31).

Percorremos esta ideia exposta por Saliba ao perceber este discurso alternativo e suas possíveis narrativas da nacionalidade aos olhos de caricaturistas e, por consequência, da *Careta*. Os periódicos de variedades foram importantes veículos da representação da sociedade brasileira na Primeira República e sintetizaram de maneira diversa a complexa busca que caracterizou esse período e a Era Vargas na tentativa de compreender a identidade brasileira enquanto "povo" e "nação". O riso intrínseco na caricatura vai muito além da deformidade dos traços exagerados que, para Henri Bergson, não deve ser a tônica máxima do efeito da caricatura, mas uma manifestação do caricaturista para enxergarmos "as contorções que ele percebe se insinuarem na natureza" (BERGSON, 2004: 20). Quando nos preocupamos com as caricaturas enquanto fonte, não deixamos os traços serem exclusivamente a essência do riso, mas a

construção da imagem e a mensagem que ela constrói dentro de um contexto estabelecido e específico⁴.

Sublinhamos ainda, a reflexão empregada por Ilka Stern Cohen ao tratar do humor e da linguagem nos periódicos de variedades, ao afirmar que as personagens constituídas textualmente e por meio de imagens eram como bonecos de ventríloquo para a opinião de seus autores que retratavam a pluralidade de uma sociedade existente (COHEN, 2013: 116). Isto significa que caricaturistas que assinam nossas caricaturas como J. Carlos, A. Storni e O. Navarro⁵ são o que podemos definir como "intelectuais do desenho", pois não apenas faziam representações humorísticas, mas se posicionavam em relação aos acontecimentos do Brasil e do mundo. O caráter de uma crítica social forjada nos traços elenca as múltiplas possibilidades do historiador consumir as revistas de variedades como fonte de pesquisa. Em vista disso, não considerar a intervenção feita pelo caricaturista através do exercício de seu ofício, as relações e posições ocupadas por ele dentro do periódico e da sociedade implica em ignorar uma importante gama de atores que interpretavam o Brasil à época.

Mesmo os caricaturistas possuindo certa autonomia na fabricação de suas ilustrações em vista de uma crítica a determinados grupos, questões e ideologias, cabe ressaltar que eles estavam vinculados a um projeto editorial da *Careta*. O periódico teve como algumas de suas principais marcas a ironia e a crítica sem respeitar as posições hierárquicas da sociedade. Isto é, tanto o presidente, como o advogado, um comerciante ou um cidadão anônimo poderiam ser alvos desses caricaturistas, sempre em um processo de negociação nos períodos de vigência da própria revista, o que, não à toa, explica sua sobrevivência por mais de cinquenta anos. Essa maneira irreverente, conseqüentemente, poderia gerar para a revista, como apontou Sheila do Nascimento Garcia, uma certa tensão entre editorial e governo. Sendo assim, explica a historiadora, "(...) esse duplo movimento na construção do discurso crítico da revista – ênfase *versus* dispersão; humor cáustico (direto) *versus* trocadilho jocoso (subentendido) – consistia na principal marca editorial de *Careta*" (GARCIA, 2005: 45). O humor e as caricaturas entravam da subjetividade para conseguir contornar as censuras e poder sugerir ao leitor algumas reflexões que poderiam ser diretamente problemáticas para o editorial.

⁴ Um exemplo de trabalho bem sucedido que atrelou a importância das caricaturas a estes contextos "bem estabelecidos e específicos" é a obra de Rodrigo Patto Sá Motta ao estudar a referência das caricaturas na contextualização do golpe militar em 1964. Cf.: Motta (2006).

⁵ A obra de Heman Lima, escrita ainda na década de 1960 representa uma bibliografia farta para entender esses personagens enquanto intelectuais e desenhistas na sociedade à qual pertenciam. Cf.: Lima (1963).

A motivação de nosso recorte situa-se no entendimento da ascensão de um novo governo e o rompimento de uma antiga forma de pensar o Brasil. Com a chegada de Getúlio Vargas ao poder, novas características na condução do gerenciamento da nação foram observadas para refletir aspectos como identidade nacional e os projetos para a nação. Nosso objetivo estará associado à compreensão das relações de cor e raça e não propriamente em ações de gestão do novo governo. No item a seguir, nos preocuparemos em debater como a eugenia estava sendo discutida no período por alguns intelectuais - inclusive por Vargas - e como o periódico se posicionou nesta discussão.

A *Careta* em torno das discussões eugênicas no Governo Provisório.

De todas as edições semanais da *Careta* que nos propusemos a avaliar em torno deste recorte temporal e político, encontramos aproximadamente trinta caricaturas que dizem respeito às discussões de cor e raça no Brasil e se enquadram no estabelecimento dos nossos objetivos propostos. Por se tratar de um artigo, optamos por trazer apenas três das caricaturas que nos auxiliaram a compreender esta relação racial em vista da eugenia no Governo Provisório. Outra explicação seria pelas caricaturas assumirem uma posição que envolve diretamente a proposta da nossa discussão que orbita em torno da questão racial, cruzamento e um projeto de nação varguista. Um elo temático que nos permite percorrer os quatro anos abordados e pensar a conjuntura dessas discussões sob a roupagem das propostas eugênicas.

Nas últimas décadas, novas perspectivas em torno da literatura da eugenia proporcionaram uma amplitude do tema para o historiador. Em suma, autores como Mark Adams (1990), Nancy Lays Stepan (2004; 2005), Daniel Kevles (1985), Vanderlei Sebastião de Souza (2006; 2011), Souza e Robert Wegner (2013), José Roberto Franco Reis (1994), Laura Suarez y Guazo López (2005), Donald Mackenzie (1976), entre outros, buscaram reinterpretar a compreensão da eugenia em seus estudos. Esses autores não se preocuparam em mostrar a eugenia como uma teoria que foi entendida da mesma maneira teórica e prática em todas as partes do mundo, como se houvesse uma homogeneidade em torno do seu entendimento. Na verdade, por meio de estudos comparativos, procuraram demonstrar que a eugenia ganhou contornos particulares dependendo do país em que foi recepcionada e, sendo assim, ela respondeu às necessidades "raciais" e projetos de nação que determinados grupos discutiam. Estas

particularidades permitem-nos entender as diferenças de uma eugenia plural aos moldes da concepção inglesa, francesa, mexicana, argentina e, em nosso caso, da brasileira. Deve-se salientar ainda que há uma disputa interpretativa desse conceito por parte das vertentes médicas, psiquiátricas e políticas de períodos determinados. Um exemplo pode ser dado pelas discussões e disputas de campo científico entre Neolamarckistas e Mendelianos (SOUZA, 2011) ou a visão do laboratório numa perspectiva de disputa de campo acadêmico (LATOURE; WOOLGAR, 1997).

Outro ponto que deve ser enfatizado é o afastamento da eugenia enquanto "objeto" para o historiador em vista de uma rejeição ou "demonização" do termo. Em outras palavras, independente da sua utilização como "positiva" ou "negativa", deve-se ter em conta que ela foi implementada por meio de forças políticas em alguns países e suas consequências draconianas como esterilização, infanticídios, atestados de casamentos ou genocídios, sendo assim, a percepção do historiador deve ser direcionada para sua análise enquanto ciência de um tempo e não se guiar pela atribuição de juízos de valor para as épocas. Apesar dessa recomendação estar presente na caixa de ferramentas do historiador, ela deve ser sublinhada pela dificuldade em desassociar movimentos intelectuais eugenistas de propostas políticas de genocídios coletivos ou raciais durante sua análise enquanto ciência. Isso pôde ser observado nas décadas seguintes do término da Segunda Guerra Mundial, quando alguns autores⁶ procuraram "desconstruir" a eugenia enquanto legitimidade científica e repulsá-la devido aos seus resultados. Com mostrou Marcos Chor Maio, a UNESCO terá um papel importante no financiamento de pesquisas, inclusive no Brasil, com Arthur Ramos (1903-1949) - e outros intelectuais nacionais e estrangeiros -, sobre a questão do negro e seu papel social e nos estudos de disciplinas como antropologia, sociologia e história (MAIO, 1999: 141-158).

⁶ O antropólogo mexicano Juan Comas, em *Raça e Ciência I*, ao se dedicar a um projeto da UNESCO de reavaliar a questão racial atribuiu uma interpretação de distorção das postulações de Charles Darwin (1809- 1882) sobre a questão da hereditariedade e, desse modo, isso fez com que alguns se apropriassem para a negação de outros povos. Nesse caso, ele chega a citar Herbert Spencer e complementa que "(...) houve um abuso do progresso da biologia ao se formularem soluções simples mas sem profundidade científica para tranquilizarem os escrúpulos de certas condutas humanas" (COMAS, 1960: 16-17). Mais adiante, em relação ao negro dirá que "(...) tanto a biologia como a antropologia, a evolução e a genética demonstram que a discriminação racial baseada na cor é um mito sem a menor justificativa científica, e por isso que a pretensa' inferioridade racial dos povos de cor' é falsa" (COMAS, 1960: 33). A autora de *Origens do Totalitarismo*, Hannah Arendt, se apropria de uma crítica de valor semelhante ao falar especificamente da eugenia ao dizer que "a bestialidade sempre esteve inerente na eugenia (...)" (ARENDR, 2012: 260). Além disso, coloca em alguns momentos a eugenia como uma "ciência" entre aspas (ARENDR, 2012: 259), justamente no sentido deslegitimá-la do estabelecimento científico desde sua criação, como se desde o primeiro momento estivesse sendo projetada para algum mal.

EM BUSCA DO "TIPO EUGÊNICO NACIONAL": UMA DISCUSSÃO SOBRE COR E RAÇA NAS CARICATURAS DA REVISTA *CARETA* (1930-1934)

Assim, os escritos de diversos autores muitas vezes chegaram a conclusões pautadas em uma tentativa mais em denegar a eugenia do que compreendê-la enquanto contexto histórico, fruto de uma forma particular em um tempo e espaço específico de análise do tema. Os estudos que citamos no início desse item vão na contramão dessa perspectiva, pois se direcionam em busca do entendimento da heterogeneidade da eugenia enquanto ciência e contexto. Ademais, não atribuem à eugenia um formato de "pseudociência" ou "a-ciência", pois esta classificação vai de encontro com a compreensão das fontes de que a eugenia era uma ciência em debate assimilada nos discursos dos estabelecimentos científicos.

Estas considerações também foram motivos da nossa investigação, tanto no que diz respeito ao caráter heterogêneo assumido por esse conceito no Brasil quanto sua discussão enquanto ciência distanciando-a de uma interpretação superficial de "pseudociência". Acreditamos que nossas fontes trazem uma contribuição para a historiografia da eugenia, pois as caricaturas e crônicas da *Careta* corroboram por meio de seus intelectuais para o ensejo dessa discussão. Passemos agora ao exame de algumas das caricaturas.



Imagem 1: *Careta*, 4 de abril de 1931, Ano XXIV, nº 1.189.

A standartização do tipo nacional.
Tomemos vários tipos coloridos originários de raças estrangeiras.
Agita-se tudo isso bem agitado!

E teremos o tipo étnico! O tipo standard! O almejado tipo padrão!⁷



Imagem 2: *Careta*, 21 de março de 1931, Ano XXIV, nº 1.187.

O Brasil Novo.

- É preciso também se cuidar da eugenia da raça. No Brasil até os imbecis são os caras inteligentes!

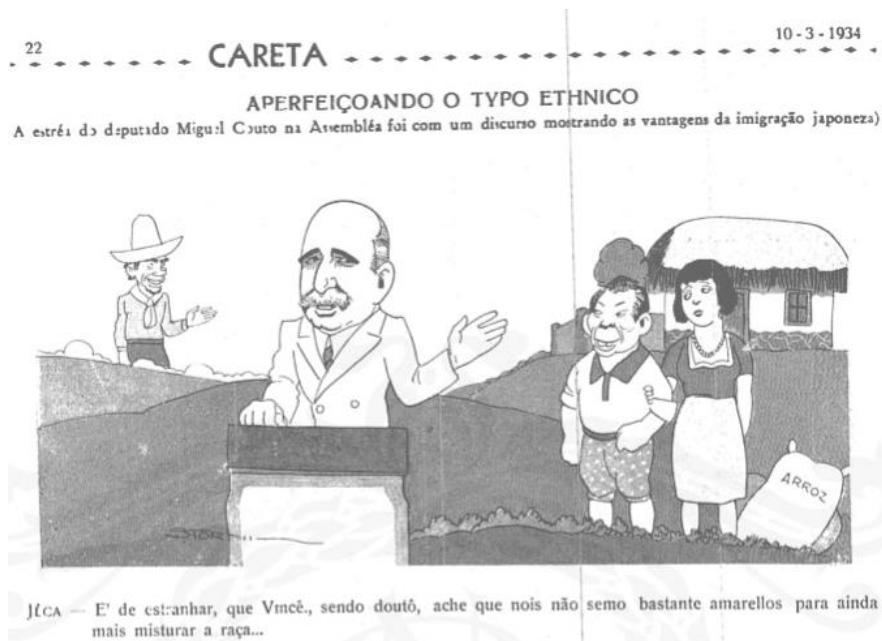


Imagem 3: *Careta*, 10 de março de 1934, Ano XVII, nº 1.342.

Aperfeiçoando o tipo étnico (A estréia do deputado Miguel Couto na Assembléia foi com um discurso mostrando as vantagens da imigração japonesa).

⁷ Apesar das poucas evidências presentes na imagem, conseguimos identificar alguns personagens políticos que figuram na caricatura, são eles: Lindolfo Collor, José Maria Whitaker, Miguel Costa, Evaristo de Moraes, João Pandiá Calogeras, Juarez Távora, Carlos Saldanha da Gama Chevalier, José Bonifácio, Augusto de Lima.

EM BUSCA DO "TIPO EUGÊNICO NACIONAL": UMA DISCUSSÃO SOBRE COR E RAÇA NAS CARICATURAS DA REVISTA *CARETA* (1930-1934)

Jeca- É de estranhar, que *vmcê.*, sendo *doutô*, ache que *nois* não *semo* bastante amarelos para ainda mais misturar a raça...

As caricaturas que selecionamos têm um aspecto recorrente no trato da *Careta* atrelado ao sentido de identidade nacional, a saber, a questão racial, a formação identitária do povo brasileiro e as concepções de correntes teóricas científicas que tratavam de raça e cor. A reflexão inerente a estas e outras caricaturas é uma demonstração dos atritos entre camadas sociais em vista de um "tipo" racial único nacional. Para Saliba, no que diz respeito ao "sentimento" de identidade nacional somado às representações que se faziam em periódicos sobre a questão racial, notou que:

A sensação de inutilidade da procura vinha da própria incapacidade de criar tipos adequados à nacionalidade, de definir o brasileiro em face da sempiterna distância entre as elites e o restante da sociedade que a República apenas ajudara a espicaçar e a aprofundar. A representação estereotipada, não raro, no ressentimento, na negatividade ou na degradação, integrava a estrutural recusa das classes dominantes em aceitar a maioria da população brasileira como parte de um mesmo universo social (SALIBA, 2002: 125).

Esta aceitação do *Outro* imbricava em balancear as diferenças de cor e raça. A classe dominante deveria deixar de adotar as formas estereotipadas, exploratórias e negativas de determinados grupos e integrar-se a eles - ou integrá-los - como um único "tipo padrão nacional". Contudo, tanto na Primeira República quanto nos anos iniciais do Governo Provisório, a categoria de degeneração conferida a determinados grupos congregava explicações biológicas que contribuíam para a manutenção das diferenças de dominância entre classes partindo da questão de cor e raça. Como explicou Ricardo Ventura Santos, a história da antropologia na virada dos decênios finais do século XIX e início do XX "(...) provê abundantes exemplos de como eram difundidas explicações que alimentavam convicções acerca da desigualdade entre raças, da dominância do biológico sobre o cultural e o moral e das consequências negativas do cruzamento inter-racial" (SANTOS, 2010: 85-86). Nessa perspectiva de um flanco da biologia que projetava a hereditariedade como controlável e resultante de "boa" e "má" geração, o negro, mestiço ou amarelo ficariam à mercê de teorias que propunham um controle de suas proles ou mesmo a não proliferação dos cruzamentos entre seres humanos de cor de pele diferente.

Este período de virada de século é marcado por profundas interpretações de alguns grupos científicos de que a mistura racial ou, mais apropriadamente, a simbiose

do mestiço e do negro com o branco acarretaria em um aspecto negativo para uma sociedade que pretendia uma homogeneidade racial. Em diferentes perspectivas, por exemplo, é comum notarmos a presença da "questão racial" em reconhecidos autores desse período como Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906), Silvio Romero (1851-1914) e Euclides da Cunha (1866-1909). Embora eles não estejam ligados propriamente a um pensamento eugenista, são atores históricos que sugerem o esforço de uma geração para pensar a raça e a nação, e que demonstram o aspecto histórico do tema. Encontramos, *grosso modo*, nesses estudos distintas maneiras de pensar a raça, desde um caso mais extremado e influenciado da Escola de Criminologia Italiana, na voz de Nina Rodrigues, passando por um viés que atrela o homem, o clima e a terra, de Euclides da Cunha, ou mesmo o polimorfismo do pensamento de Silvio Romero na integração da mestiçagem. Em tempo, essa trindade de autores ilustra neste texto o quebra-cabeça de um discurso de raça que não surge com o advento da eugenia no Brasil. Aliás, o excerto a seguir de Marcos Chor Maio nos ajuda na esteira interpretativa do nosso recorte cronológico-temático:

Embora vozes otimistas acreditassem na perfectibilidade dos brasileiros, mediante políticas educacionais e sanitárias, havia intelectuais que se indagavam quanto à viabilidade de uma sociedade constituída por segmentos étnico-sociais considerados inferiores biologicamente, miscigenados, acomeditos pela degenerescência, adentrar o mundo moderno (MAIO, 2015, p. 362).

Além do aspecto da cor que está nas imagens 1 e 3, a questão do "imigrante ideal" também entraria no alvo de políticas nacionais que optavam por rejeitar determinados "tipos" de imigrantes. Em diversos momentos da Primeira República ou do Governo Vargas enxergamos a insatisfação de alguns intelectuais e políticos na vinda de japoneses, chineses, negros, judeus ou mesmo sírio-libaneses. O discurso protelado sob o véu da "identidade nacional" ou de um "projeto para a nação" ligou-se, em diversos momentos, às explicações biológicas para evitar determinados tipos de "alienígenas"⁸.

As caricaturas incitam a crítica feita pela *Careta* nesse ínterim que expusemos do jogo político social da cor e da raça e o arrolamento a uma teoria eugênica como justificativa de medidas de restrições ou aceitações. Na imagem 1, percebemos doze personalidades políticas da História do Brasil ao lado esquerdo. Em cada personagem há uma caricatura distinta em comparação às outras. Assim, nas doze representações

⁸ Nas fontes do período, o termo "alienígena" é frequentemente utilizado em referência a determinados grupos de imigrantes.

notamos "tipos" nacionais diferenciados na sua condição fenotípica. Cabelos, olhos, cor da pele, nariz, orelhas, entre outros, têm suas particularidades definidas. Na continuação da imagem, há uma sugestão de uma coqueteleira nomeada de "coctail das raças". Aqui, a alusão feita é a de que todos esses homens seriam depositados nessa coqueteleira e o resultado dessa mistura seria o homem à direita. O "tipo" resultante dessa combinação seria o tão almejado "tipo nacional", em outras palavras, essa seria a representação estereotípica do brasileiro no tratamento caricatural de seu caráter plástico que assimila todos os outros "tipos" culminando em um híbrido específico, ainda que desarmonioso. E mais, ele seria resultante do "tipo almejado". A deformidade das características físicas em decorrência do *mix* preenche a construção da caricatura e da *Careta* de como se entendiam essas diferenças no debate de que "tipo" nacional seria ou não o "autêntico representante do povo brasileiro". A ilustração apresenta como pista o entendimento de que o Brasil era na verdade uma mistura de diversos elementos e que estes constituiriam a representação das nossas "digitais" enquanto nação.

A palavra em inglês "standartização", em referência a *standard* ou "padrão" aparece de forma proposital na construção do título da caricatura. O conceito foi visto em nossas fontes em diversas produções intelectuais tendo sido empregado por eugenistas, políticos e "homens de ciência" do período. Um exemplo foi verificado na fala do deputado de São Paulo, Teotônio Monteiro de Barros, que se posicionaria em relação aos "tipos raciais" e diria que a questão étnica brasileira carecia de controle, "especialmente as de caráter eugênico e educacional" (GERALDO, 2007: 84). Entre os melhores "tipos" nacionais, o político brasileiro acreditava que o do "ramo ariano sul europeu" e os do "ramo dólico-loiros" eram as melhores opções para a assimilação. Do lado oposto dos "tipos" desejáveis estariam os amarelos na condição de "inassimiláveis" (GERALDO, 2007: 84). Nesse aspecto, Endrica Geraldo sublinha:

O deputado utilizou como exemplo a preocupação da Alemanha hitlerista e da Itália fascista com a questão racial. Inspirado nos caminhos que vinham sendo traçados por essas nações, o Brasil deveria evitar o perigo de formação de minorias étnicas, além do que essa imigração indesejável poderia "retardar de muito a formação do nosso tipo *standard* racial" (GERALDO, 2007: 84).

Uma *crossing race* como resultado de um "tipo padrão" não parecia agradar uma parcela dos eugenistas e aqueles que viam na mistura racial um retrocesso. Muitos devotavam o controle dos "talentos hereditários" como possibilidade de solução para uma nação forte e hegemônica. Nesse escopo, a posição de Oliveira Vianna entra em

cena no discurso eugênico em prol de uma "unidade humana nacional". Em outras palavras, para Vianna, a mistura racial poderia originar um agravante na degeneração do homem:

Essa desambição natural do índio e essa mediocridade ingênita do negro se transmitem aos seus mestiços, daí a extrema sobriedade das nossas populações mestiças. Curibocas, cafuzos, mulatos, todos, com exceção de uma pequena minoria de eugênicos, vivem a mesma vida dos seus ancestrais, satisfeitos na sua miséria, contentes na sua parcimônia e incapazes de realizar, espontaneamente, o mais leve esforço para melhorar o teor da sua existência miserável. Essa ausência de estímulos de melhoria na sua psique fá-los elementos inertes e improgressivos, forças negativas, que dificultam e retardam o movimento ascensional da nossa massa social para a riqueza e para a civilização (VIANNA, 1922: 287).

O excerto acima apresenta o elemento "civilizador" como pressuposto da negação para a mistura racial. Para o autor, a falta de controle no cruzamento dos "tipos raciais" continuaria degenerando a população brasileira e, pior, recuando-a no que diz respeito ao seu "progresso" enquanto civilização, fatores preocupantes para o sentido eugênico de constituição de um "tipo" nacional. O prognóstico de Vianna inseria-se na preocupação com o tão almejado direcionamento da homogeneidade da identidade nacional que se protelava nos decênios iniciais do século XX. Afinal, a marcha para o "progresso" poderia ser revertida para o "atraso" se o controle do talento hereditário não se tornasse uma preocupação coletiva da nação. O foco das críticas está voltado para o negro e o índio, "tipos" que não estariam comprometidos com essa ideia de "progresso" e estariam satisfeitos com suas "existências miseráveis".

No que tange à imagem 3, a fala de Miguel Couto expressa uma das facetas do cenário pelas tentativas de restrição da imigração nesse período, sobretudo da japonesa. Na ilustração, "o caricaturista Storni tratou com ironia a postura de Miguel Couto em relação aos asiáticos, a qual se mostrava à favor de cotas para o controle de imigração deste 'tipo racial'" (CARVALHO, 2014: 153). Mesmo que o texto aponte para um discurso sobre as "vantagens da imigração japonesa", o médico carioca se mostrava à favor do fim dessa imigração. Uma questão não tão recente no Brasil, pois as "negociações da identidade nacional", para citar nos termos de Jeffrey Lesser (2001: 20), surgiria com força a partir do século XIX no país, quando os próprios grupos imigratórios desenvolveram suas estratégias de "assimilação" nacional e um sentido de brasilidade. Obviamente, como na caricatura de Miguel Couto, nem sempre essa busca pela brasilidade seria reconhecida ou naturalizada sem contestações.

Ainda nessa imagem, vale destacar o humor do caricaturista Storni na construção da ilustração, ao trabalhar com um jogo de palavras em torno da ambiguidade do termo "amarelo" e suas acepções naquele período. Além da cor amarela representar uma adjetivação de imigrante asiático, ela também estaria vinculada a uma doença que grassava o Brasil e mobilizou esforços da comunidade médica nacional e internacional, a ancilostomíase - também chamada de opilação ou popularmente conhecida como "amarelão". Sendo assim, o humor se configura nas expressões convergentes do "perigo amarelo" no Brasil. O Jeca, personagem criado por Monteiro Lobato e constantemente utilizado pela *Careta* como representação do "povo brasileiro", indagaria a respeito da sua condição de "doente", em vista do significado de amarelo atrelado à doença. Este elemento traduz as preocupações sanitárias e de enfermidades do período, bem como os debates sobre imigração japonesa e o *mix* racial como componente formador de uma identidade nacional.

Nesse momento, mais uma vez notamos o posicionamento de um caricaturista na percepção de um cenário político-racial que se constituía em sua contemporaneidade. Storni, por meio do desenho e do humor, consegue fazer uma crítica tanto às condições de saúde da população brasileira em meio a moléstias, quanto à imigração e à utilização de uma mão de obra na produção agrícola no Brasil. O saco de arroz, ao lado do imigrante japonês, sugere a ligação entre a imigração e a ocupação exercida por esse trabalhador no país.

No que concerne ao *mix racial*, o historiador Vanderlei Sebastião de Souza anota em sua dissertação de mestrado uma descontinuidade na trajetória do médico eugenista Renato Kehl em vista da "mistura racial" como solução para resultar no chamado braqueamento. Alguns grupos esperavam que, com a miscigenação, a carga hereditária do branco se sobressairia à do negro e do mestiço, tendo como resultado uma população cada vez mais "branqueada". Se em uma primeira fase de Kehl, ele será mais "otimista" em relação a essa mistura, a partir dos finais dos anos de 1920, "passará a conceber de maneira pessimista o processo de miscigenação que vinha ocorrendo no Brasil. Ao invés do tão almejado branqueamento, esse autor temia que a "mistura racial levasse, ao contrário, a progressiva degeneração" (SOUZA, 2006: 177).

O brasileiro disforme apresentado na imagem 1 como resultante do processo de mestiçagem e aquilo que a *Careta* ponderava como o "nosso tipo" refletem mais uma interpretação no âmbito da eugenia que se fez presente no Brasil, a fealdade da raça. O discurso da feiúra de determinadas "raças" contribuiu para a propaganda contra o

crossing race. Kehl foi taxativo contra o "cocktail racial" e em várias ocasiões seu discurso se aproxima do de Vianna no que diz respeito ao descontrole da miscigenação no país e suas implicações catastróficas em vista de um projeto de homogeneidade racial. Isso pode ser comprovado no próprio termo "estandardização" que foi utilizado por Kehl em *Aparas eugênicas: sexo e civilização*, ao dizer que “a estandardização humana será, pois, fatal, embora num futuro mais ou menos remoto. Caminhamos para isso” (KEHL, 1933: 254).

Fazendo referência a este *cocktail* como uma “oficina gentium”, o Brasil, para ele, representava “um grande laboratório de elementos diversos” e “dentro dele terá de se operar por muito tempo um grande metabolismo racial, com a assimilação de uns e a desassimilação de outros” (KEHL, 1929: 188). Na teorização de Kehl, a alternativa para o problema racial estaria nas mãos do homem branco, pois:

Dessa química complexa e morosa resultará, daqui a alguns séculos apesar dos prejuízos acarretados à raça branca, uma nacionalidade melhor caracterizada, um povo forte e varonil que, talvez, se emparelhará dignamente, com os melhores aquinhoados (KEHL, 1929: 188).

A representação dessa "química" racial para o médico paulista deveria compor apenas um elemento, o branco. Somente este "tipo" seria responsável por um povo "forte e varonil" para assim, cumprir um dos objetivos do "progresso" e fazer frente aos grandes países do mundo. Outro ponto a ser destacado é a defesa de uma "nacionalidade melhor caracterizada", tendo como ponto de partida a raça branca como seu alicerce. Isso permite compreender a posição de Kehl no debate entre eugenia e a caricatura da *Careta*. Afinal, a preocupação com um "tipo" homogêneo e hereditariamente "bem nascido" estava na essência do fortalecimento da eugenia como teoria/doutrina para ele, um fiel seguidor de Galton. Sendo assim, podemos fazer o exercício de imaginar a contradição que esta caricatura teria para os ideais eugênicos de Kehl na época. Certamente, Kehl concordaria que a mistura geraria um “tipo disforme e degenerado”, mas também discordaria de que a representação do brasileiro seria este mesmo “almejado tipo nacional” contornado pela *Careta*. Este, para ele, seria o “tipo” a ser evitado com a aplicação da eugenia.

Os argumentos, entre os prós e contras, sobre a mistura racial no país no início da década de 1930 não se reduzem a uma ou outra produção intelectual do período ou a autores isolados em suas produções bibliográficas. Na verdade ela movimentou grupos

de formações profissionais distintas que opinavam e publicavam sobre o tema⁹. Se aceitarmos como fonte o volume dois dos *Anais da Assembléia Constituinte de 1933/1934*, veremos na fala do político brasileiro Agamenon de Magalhães (1893-1952) sua interpretação de pessoas "eugênicas", a qual vai ao encontro do entendimento de que o "tipo" brasileiro seria a síntese de um povo varonil e eugenizado:

O Sr. Agamenon de Magalhães - Vi, Sr. Presidente, magistrados, no fim da vida, pobres, habitando casas modestas, desprovidas de móveis. Vi consciências que nunca se poluíram na venalidade ou na transigência com o poder. Há, Sr. Presidente, em todos os Estados, essas figuras varonís, *eugênicas*, que encarnam a nobreza, os caracteres da raça brasileira, afirmando a nossa capacidade para a democracia, a cultura, a inteligência e as virtudes morais que se elevam e afloram os brasileiros (ANNAES, 1935: 481).

O argumento de Magalhães aponta que o discurso da questão racial estava envolvido em outras esferas das discussões públicas e políticas, afinal, o autor dialoga com problemas econômicos da população e qualifica o povo como "eugênico". O diálogo demonstra a presença de temas relativos à identidade do brasileiro atrelados à noções morais na discussão de uma conjuntura política na defesa do parlamentarismo. Magalhães tornou-se conhecido como um dos defensores do regime político parlamentar no Brasil, no entanto, sua intervenção contra o presidencialismo apresenta este curioso argumento em que colocou a eugenia como um adjetivo de povo. Ao citar as pessoas mais humildes que mal teriam condições de terminar a vida de uma maneira confortável, ele generaliza em "vários Estados" características positivas da "raça brasileira". Sendo assim, sua justificativa para a defesa do parlamentarismo passaria a ser configurada como a melhor opção ao "povo brasileiro" pois nele estariam todas as características positivas almejadas para o sistema ser bem sucedido. Se adotarmos como eugenia suas implicações em países como Estados Unidos ou Inglaterra - em que o caráter contra a miscigenação racial prevaleceu -, o Brasil ganhará contornos distintos ao ser percebida por alguns autores como um melhoramento da "raça brasileira", independente de quais fusões ela fosse processada em termos de "cruzamentos raciais". Aqui, essa transformação que o termo sofreu enquanto adaptação para o discurso da intelectualidade brasileira é notada como um argumento de força e rigidez para consagrar um "tipo racial brasileiro" único.

Este é um dos raros momentos em que o termo derivado de "eugenia" é citado na pauta dos *Anais* do documento e, sobretudo, atrelado ao sentido de "raça brasileira",

"moralidade" e "progresso". Sua posição demonstra a compreensão do que se entende por "eugenia". Diferente de outros atores, ele enxerga o próprio brasileiro como pertencente aos "bem nascidos", sagrando assim a "superioridade" do "tipo" nacional. Há uma valorização identitária por parte de Magalhães ao elevar as características do brasileiro e adequar a sua proposta política, no caso, o parlamentarismo. Esta reflexão responde a uma faceta das nossas caricaturas em que a eugenia teria suas vertentes interpretativas dependendo da compreensão de determinados grupos, editoriais, intelectuais, entre outros.

O próprio chefe do Governo Provisório, Getúlio Vargas, ao menos no discurso de 14 de maio de 1932, intitulado *A Nação Brasileira*, pensou o sentido "eugênico da raça" ligado aos problemas de higiene e sanitarismo que apareceram em evidência no debate médico nas décadas de 1910 e 1920 e, de certa forma, se alinhavam à fala de Magalhães em alguns aspectos. Entre as ações de Vargas, estaria "Levar a efeito, praticando-a como um apostolado a defesa sanitária - saneamento e higiene - estendendo-a, principalmente, às populações rurais até hoje abandonadas e, pelo *aperfeiçoamento eugênico da raça*, apressar o progresso do país"¹⁰. O termo "apostolado" utilizado por Vargas corrobora o grau de importância que a higiene e o saneamento eram acionados no debate nacional. Nada obstante, o que nos interessa estará presente no termo "aperfeiçoamento eugênico da raça" que não nos oferece nenhuma outra explicação a não ser por esta expressão no documento. Essa "liquidez" que o termo assume em diferentes falas intensifica nossa intencionalidade em destacar a polivalência das interpretações particulares da teoria eugênica.

Nesse sentido, é difícil ordenar uma definição única nas palavras de Vargas por dois aspectos. Primeiro porque eugenia, como expusemos desde o início, tornou-se um tema volátil e as definições dependem de como cada sujeito compreenderia o assunto. Depois, porque a própria figura política de Vargas é inconclusiva para definirmos seu pensamento naquele discurso. A historiografia, por vezes, lembrou a excelência de Vargas como político e como se adaptava às situações e debates de momento de sua carreira política. Rapidamente, se nos posicionarmos em um recorte ampliado da nossa proposta, entre 1930-1945, acerca da questão racial voltada para a imigração, veremos tanto a vontade em congregar uma unidade ao povo brasileiro, quanto o controle racial

¹⁰ Cf. BIBLIOTECA DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. *Manifesto à Nação*, do Exmo Sr. Dr. Getúlio Vargas, Chefe do Governo provisório, lido, por S. Ex. Em sessão solene, no edifício da Câmara dos Deputados em 14 de maio de 1932, p.25-26. [Grifo Nosso].

pela imigração, como mostrou o estudo de Fábio Koifman (2012). Sendo assim, sem analisar a trajetória intelectual ou política de cada indivíduo cairemos no erro de estabelecer um sentido único ou homogêneo para a compreensão da eugenia e do cruzamento racial.

Esse é um ponto fundamental para entender o quadro da eugenia pintado no Brasil. A multiplicidade de interpretações desse termo não permite ao historiador grafar uma explicação em um sentido único, mas sim pontuar a sua compreensão histórica a partir de projeções de aspectos particulares de grupos ou mesmo de interpretações individuais. A imagem 2, da *Careta*, de 21 de março de 1931, é apresentada como ponto-chave intencionalmente para esta reflexão, afinal, o sentido ali presente não demonstra um aspecto unilateral sobre raça ou cor, mas sobre sociedade. A caricatura de Osvaldo Navarro, intitulada "O Brasil Novo", é composta pela seguinte legenda das personagens: "- É preciso também se cuidar da eugenia da raça. No Brasil até os imbecis são os caras inteligentes!". Mas, a qual eugenia e a qual raça estariam as personagens se referindo? O termo interpretado por Renato Kehl? Oliveira Vianna? Getúlio Vargas? Agamenon de Magalhães? Miguel Couto? Storni ou Navarro, ambos caricaturistas da *Careta*? É difícil estabelecer uma definição para um conceito cujo debate tem plural recepção e desenvolvimento interpretativo e que interfere categoricamente no significado da expressão eugenia e a quem ela se destinaria. Enquanto para uns, eugenia deveria ser restringida à eminência dos "bem-dotados" arianos e europeus, selecionados à pinça em um laboratório "racial", outros acreditariam que é exatamente a mistura empregada no país que refletiria a constituição de um povo eugenizado. Porém, como sublinhado, cada discurso dos intelectuais merece uma história intelectual própria. Até mesmo aqueles que entendiam a eugenia sob os contornos da negação racial, divergiam sobre outros aspectos da composição de "raças".

Vargas, Magalhães, Kehl ou Vianna estão nos bastidores da nossa caricatura. Ela descortina por meio do humor uma vertente dos debates sobre identidade nacional, raça, cor e eugenia sendo uma fonte na tentativa de compreender um posicionamento de um periódico que deve ser percebido pelo historiador enquanto um produto que tem uma posição sobre o mundo que o cerca e é, como apontou Tania Regina De Luca, parte de projetos coletivos (DE LUCA, 2011: 2). Desse modo, a posição quanto ao "*cocktail racial*" nos levou a investigar parte do contexto das suas críticas àqueles que entendiam o "povo brasileiro" como dividido em grupos raciais, situação que requereria políticas eugênicas como solução.

Considerações finais.

De início, é importante considerar a direção que este estudo seguiu e que nos possibilitou adentrar na vertente da literatura da eugenia, que vem tratando com particularidade os contextos heterogêneos em que ela foi empregada. A fonte utilizada, *Careta*, nos possibilitou entrar nas perspectivas dos intelectuais do humor, das crônicas e das caricaturas e examinar como eles se colocavam em vista das teorias raciais e da compreensão do "tipo nacional". Esse aspecto da apreciação do periódico contribui para que se possa entender a pluralidade das interpretações em torno da eugenia em que vários grupos no Brasil eram classificados. Podemos dizer ainda, que cada grupo ou intelectual teria a sua própria visão do que entendia por eugenia, justamente pela diversidade então agrupada pelos conceitos de cor e raça que constituía o Brasil. Não era possível cortar o país simetricamente e dizer "quem" seria branco ou negro. Quem deveria ser eugenizado ou não. Mesmo com as tantas interpretações, fica latente nesse texto que não se chegava a conclusões homogêneas. Se a eugenia pode ser classificada como heterogênea dependendo do contexto, no Brasil, essa potência deve ser elevada em vista da questão multifaceta do cruzamento racial e das negociações entre raça e sociedade.

Uma característica que notamos ao longo da pesquisa foi o posicionamento dos caricaturistas da *Careta* sobre a questão racial. Havia um forte tom de ironia e crítica direcionado àqueles que eram adeptos da segregação por cor e raça. Em todas as nossas ilustrações e, em especial, nas que trouxemos aqui, flertaram com oposições de aceitação da eugenia ou branqueamento como recurso. O que deve ser notado é que estes caricaturistas se colocavam na discussão corrente sobre identidade nacional e os projetos de nação de diversos grupos e não pareciam se preocupar com neutralidade ou com amenizar certas críticas ou ironias. Algumas posições excederam até os limites do Brasil, por meio de cronistas e caricaturista da *Careta* teceram críticas às ações raciais da Alemanha Nazista de Adolf Hitler (1889-1945) ou às quotas raciais/imigração de 1924 dos Estados Unidos, na figura do Tio Sam.

As caricaturas que recortamos traduzem o debate que envolvia os discursos raciais de uma época que, no momento delimitado, estariam inflamados pelo novo governo de Getúlio Vargas e por uma nova proposta de Constituinte que viria a acontecer nos anos de 1933/1934. Temas como o "imigrante ideal", num sentido racial, ou questões de eugenia referentes à mestiçagem foram preocupações que ocorreram não somente no Governo Provisório, mas por toda a primeira Era Vargas. Nesse mesmo

EM BUSCA DO "TIPO EUGÊNICO NACIONAL": UMA DISCUSSÃO SOBRE COR E RAÇA NAS CARICATURAS DA REVISTA *CARETA* (1930-1934)

período, a ascensão de Adolf Hitler deu contornos mais evidentes para uma solução negativa dos problemas raciais. *Careta* enfatizará por meio de caricaturas e crônicas que o "nosso povo" ou melhor, o nosso "Jeca Tatu" tinha suas características próprias e plurais, fato que implica na possibilidade de observar nessa fonte um discurso não complacente ou virtualmente enquadrado em uma única interpretação sobre o debate de cor, raça e eugenia no Brasil.

Referências

Periódicos e Anais:

ANNAES DA ASSEMBLEIA NACIONAL CONSTITUINTE. Volume 2. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1935.

BIBLIOTECA DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Manifesto à Nação, do Exmo Sr. Dr. Getúlio Vargas, Chefe do Governo provisório, lido, por S. Ex. Em sessão solene, no edifício da Câmara dos Deputados em 14 de maior de 1932.

Careta, 21 de março de 1931, Ano XXIV, nº 1.187.

Careta, 4 de abril de 1931, Ano XXIV, nº 1.189.

Careta, 10 de março de 1934, Ano XVII, nº 1.342.

Fonte bibliográfica:

KEHL, Renato. *Aparas eugênicas: Sexo e Civilização*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1933.

_____. *Lições de Eugenia*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1929.

VIANNA, Oliveira. O typo brasileiro: seus elementos formadores. In: *Dicionário, Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil*. Rio de Janeiro: IHGB, v. 1, 1922.

Bibliografia:

ADAMS, Mark B. Eugenics in the History of Science. In: ____ (org.). *The Wellborn science: eugenics in Germany, France, Brazil and Russia*. New York: OUP, 1990.

ARENDDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação da comicidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. *A eugenia no humor da Revista Ilustrada Careta: raça e cor no Governo Provisório (1930-1934)*. Dissertação de Mestrado. Assis: UNESP, 2014.

COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tania Regina (orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.

CUNHA, Fabiana Lopes da. *Caricaturas carnavalescas: carnaval e humor no Rio de Janeiro através da ótica das Revistas Ilustradas Fon-Fon! E Careta (1908-1921)*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2008.

DE LUCA, Tania Regina. *Leituras, Projetos e (re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

GARCIA, Sheila do Nascimento. *Revista Careta: um estudo sobre humor visual no Estado Novo (1937-1945)*. Dissertação de Mestrado. Assis: UNESP, 2005.

GERALDO, Endrica. *O “perigo alienígena”: política imigratória e pensamento racial no governo Vargas (1930-1945)*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 2007.

KEVLES, Daniel. *In the name of eugenics: genetics and uses of human heredity*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1985.

KOIFMAN, Fábio. *Imigrante ideal: o Ministério da Justiça e a entrada de estrangeiros no Brasil (1941-1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. *A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. 4 vols. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1963.

LÓPEZ, Laura Suárez y Guazo. *Eugenesia y racismo en México*. Coyoacán, México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2005.

MACKENZIE, Donald. Eugenics in Britain. *Social Studies of Science*, v.6, n.3/4, 1976.

MAIO, Marcos Chor. Caminhos de Arthur Ramos: a busca do Brasil como projeto civilizatório. In: HOCHMAN, Gilberto; LIMA, Nísia Trindade. *Médicos intérpretes do Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2015.

_____. O Projeto Unesco e a agenda das ciências sociais no Brasil dos anos 40 e 50. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v.14, n.41, 1999.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Jango e o golpe militar de 1964 na caricatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

REIS, José Roberto Franco. *Higiene mental e eugenia: o projeto de “regeneração nacional” da Liga Brasileira de Higiene Mental (1920-1930)*. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP, 1994.

EM BUSCA DO "TIPO EUGÊNICO NACIONAL": UMA DISCUSSÃO SOBRE COR
E RAÇA NAS CARICATURAS DA REVISTA *CARETA* (1930-1934)

SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do riso: a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

STEPAN, Nancy Lays. *A hora da eugenia: raça gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005.

_____. Eugenia no Brasil, 1917-1940. In: HOCHMAN, Gilberto (org.). *Cuidar, controlar e curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004.

LÉVI-STRAUSS, Claude et.al. *Raça e Ciência I*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1960.

SANTOS, Ricardo Ventura. Mestiçagem, Degeneração e a Viabilidade de uma Nação: debates em antropologia física no Brasil (1870-1930). In: MAIO, Marcos Chor; _____. (orgs.). *Raça como questão: história ciência e identidades no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2010.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. *A política biológica como projeto: a “Eugenia Negativa” e a construção da nacionalidade na trajetória de Renato Kehl (1917-1932)*. Dissertação de Mestrado: Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006.

_____. *Em busca do Brasil: Edgard Roquette-Pinto e o retrato antropológico brasileiro (1930-1935)*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2011.

WEGNER, Robert; SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Eugenia 'negativa', psiquiatria e catolicismo: embates em torno da esterilização eugênica no Brasil. *História, Ciências e Saúde*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, 2013.

Data de recebimento: 14/06/2015.

Data de aceite: 22/10/2015.